

# A Situação no Egito após a Primavera Árabe (2011)



paz no plural

Autor: João Paulo Alves/ Orientador: Paulo G. F. Visentini

## Introdução e Problema de Pesquisa:

Em 2011, a República Árabe do Egito foi envolvida no contexto de manifestações populares regionais, a chamada Primavera Árabe. Entretanto, o desenvolvimento conjuntural no país traduziu-se em um movimento de extremismo e conservadorismo. Nesse sentido, busca-se compreender: (i) os impactos da queda de Hosni Mubarak para as disputas internas de poder; e (ii) os efeitos desse evento para a política externa egípcia.

## Metodologia:

A Metodologia utilizada na presente pesquisa foi de revisão bibliográfica. A partir disso, foi realizada a leitura de livros, artigos e análises de conjuntura especializadas no campo das relações internacionais, e especificamente na política internacional do Oriente Médio.



## Hipóteses:

Parte-se do pressuposto de que a Primavera Árabe no Egito e os seus desdobramentos entre 2011 e os dias de hoje fazem parte de um único processo - não integralmente planejado, mas majoritariamente conduzido pelos militares. A partir disso, tem-se que:

1. A Primavera Árabe não se configurou como uma revolução, uma vez que manteve praticamente intactas as antigas estruturas de poder que operam na política egípcia.
2. As trocas de governo tiveram poucos impactos, restritos à retórica, sobre a inserção internacional do Egito.

## Resultados:

A Primavera Árabe no Egito foi instrumentalizada pela elite do país - nominalmente, o alto escalão das Forças Armadas - para manter-se no comando da política nacional, através de uma operação de Reestruturação do Estado.

**Internamente**, o envelhecimento de Hosni Mubarak abriu espaço para uma disputa interna de poder entre Gamal Mubarak, adepto à realização de reformas econômicas com supressão da tradicional oligarquia militar, e os militares, favoráveis à manutenção do *status quo*. Em função disso, os militares deram apoio indireto às manifestações, permitindo a deslegitimação do governo e realizando um 'golpe palaciano'. Em 2012, o processo sofreu um contratempo com a inesperada vitória da Irmandade Muçulmana (IM), e a tentativa da organização em promulgar uma nova constituição em seu favor. Em 2013, aproveitando-se da insatisfação generalizada decorrente de tentativas da IM em suprimir manifestações populares, os militares retomaram o poder através de um golpe e passaram a atuar diretamente no comando do Estado.

**Externamente**, a deposição de Mubarak e a ascensão de Morsi não foram acompanhadas de alterações significativas na política internacional do Egito. Ambos os presidentes permaneceram aquiescentes aos interesses ocidentais no Oriente Médio – mesmo com a aproximação de Morsi com Irã e Hamas. Em contraste, a ascensão de el-Sisi representou um ponto de relativa inflexão na política externa, com a adoção de uma postura inicial de afastamento dos Estados Unidos e aproximação da Rússia. Não obstante, o país permanece em grande medida constrangido pela dependência financeira de Washington e Riade, sendo incapaz de adotar uma política externa 'anti-imperialista' e contrária às determinações das petromonarquias do golfo.

**Referências:** ZAKARIA, F. et al. The Arab Spring at Five: Updates on Tunisia, Egypt and Turkey, 2016.; DODGE, T. After the Arab Spring: power shift in the Middle East?. LSE IDEAS, 2012.; ORLOWSKI, A. Egypt after the Arab Spring. Montreal: MIGS, 2013. Acesso em: 26 jul. 2016.; HAMID, S. Radicalization after the Arab Spring: Lessons from Tunisia and Egypt.; MERINGOLO, A. From Morsi to Al-Sisi: Foreign Policy at the Service of Domestic Policy. Insight Egypt, v. 8, 2015.

